

## **A cultura do produtivismo na área acadêmica: e como fica o rigor nas pesquisas qualitativas?**

**Osni Oliveira Noberto da Silva\***

### **Resumo**

O presente ensaio traça algumas considerações a respeito do rigor nas pesquisas qualitativas e a dificuldade em manter este rigor nas atuais circunstâncias produtivistas que permeiam a maioria dos programas de pesquisas brasileiros. Percebemos que manter o rigor é um enorme desafio para os pesquisadores que trabalham com pesquisa qualitativa nas ciências sociais, nos moldes das atuais exigências para produção acadêmica, sem perder de vista a importância social do conhecimento produzido.

**Palavras-chave:** Ciência; Pesquisa qualitativa; Rigor

### **Abstract**

This paper outlines some considerations about the rigor in qualitative research and the difficulty in maintaining the accuracy in the present circumstances productivist that permeate most of the Brazilian research programs. We realized that to maintain the rigor is a major challenge for researchers working on qualitative research in social sciences, along the lines of the current academic requirements for production, without losing sight of the social importance of the knowledge produced.

**Key words:** Science, Research Qualitative; Rigor.



\* **OSNI OLIVEIRA NOBERTO DA SILVA** é Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana e Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia com bolsa do CNPq.

## 1. Introdução

O presente ensaio se constitui como a avaliação final da disciplina Abordagens e Técnicas de Pesquisa em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, tendo como tema central o rigor na pesquisa qualitativa frente a cultura do produtivismo.

Este trabalho, longe de ter a audácia de esgotar o referido tema, traça algumas considerações a respeito do rigor nas pesquisas qualitativas e a dificuldade em manter este rigor nas atuais circunstâncias produtivistas que permeiam a maioria dos programas de pesquisas brasileiros.

Para isto, o trabalho está dividido em quatro momentos: no primeiro um breve resgate histórico acerca da evolução da ciência, o monopólio positivista e o surgimento das pesquisas qualitativas. No segundo momento discutimos o rigor próprio das pesquisas qualitativas. Em seguida apresentamos o histórico da pesquisa no Brasil e o desenvolvimento da cultura do produtivismo nos cursos de pós-graduação do país. Ao final tecemos algumas considerações que entendemos contribuir para a discussão da referida temática.

## 2. A ciência e sua história

Desde os primórdios a humanidade sempre buscou descobrir as respostas para os fenômenos da natureza e de sua própria existência. Até a Idade Média, a igreja católica detinha todo o monopólio do conhecimento produzido até então, de forma que qualquer desenvolvimento científico produzido sem sua autorização era violentamente reprimido.

Entretanto, com a progressiva derrocada do sistema feudal e a ascensão da classe burguesa europeia, a “nova” ciência,

baseada na experimentação e na razão, rompe com o pensamento medieval e passa a considerar “a importância do homem e a sua relação com o mundo natural” (PRIMON et al, 2000, p. 50).

A partir daí a ciência começa a ser quase que exclusivamente regida pela corrente do pensamento conhecida como positivismo, que postulava que o conhecimento só pode ser válido se provado pelo método científico. Através dele surgem novas descobertas científicas e uma rápida evolução tecnológica, onde a ciência torna-se mais popular com o aumento no número de publicações de livros e se desenvolve rapidamente em muitos campos até então não explorados.

Para Moura (2004) o positivismo buscava construir, através de seu método científico, criar verdades absolutas e incontestáveis, o que se tornou a base de todo o pensamento europeu e rapidamente se espalhando pelo resto do mundo ocidental com seus estudos conhecidos como quantitativos.

Entretanto, o positivismo era considerado insuficiente para explicar outros fenômenos que seriam impossíveis de serem analisados por seu método científico. Segundo Moura (2004), ele diminui o papel do homem, como indivíduo pensante e crítico, isentando o pesquisador de julgamentos pessoais de forma a garantir a validade de sua pesquisa.

Desta forma outras correntes filosóficas foram surgindo, no sentido de preencher esta lacuna do conhecimento, entre as quais se destacam o materialismo histórico dialético e a fenomenologia (TRIVIÑOS, 2009).

O primeiro entende o conhecimento como um histórico processo dialético, tendo a prática social e a luta de classes como principal eixo de análise.

Enquanto que o segundo procurou explicar os fenômenos do ponto de vista do indivíduo, de forma que descrevia o objeto de análise sem deixar de lado as experiências pessoais dos indivíduos (TRIVIÑOS, 2009).

O principal mérito destas duas correntes filosóficas foi o fato de romperem com os métodos rígidos de explicar todos os acontecimentos do mundo, além do que, como cita Macedo (2009) começam a criar um novo viés de pesquisa preocupada com o ser humano e suas relações com o outro, buscando soluções para os problemas do cotidiano social.

*A pesquisa é um campo da práxis social, como tal deve satisfazer à sua comunidade e à sociedade com a qual ela se compromete em termos de qualidade e responsabilidade, carregando todas as insuficiências, todos os inacabamentos e conflitos que se espera em qualquer prática humana (MACEDO, 2009. p. 82).*

Desta forma, como alternativa aos tipos de pesquisas positivistas, que tentavam aplicar nas ciências humanas os métodos utilizados nas ciências exatas e biológicas (medidas, cálculos, quantificações etc.) surge enraizado na antropologia e posteriormente na sociologia o tipo de pesquisa chamada de qualitativa (TRIVIÑOS, 2009).

### **3. O rigor nas pesquisas qualitativas**

Segundo Triviños (2009) as pesquisas qualitativas surgiram da necessidade que os antropólogos tinham ao perceberem que não era possível interpretar a vida dos povos apenas por dados quantificados. Era necessária então uma interpretação muito mais ampla e menos objetiva.

Esta fuga do modelo rígido de controle científico levava os adeptos das pesquisas quantitativas-positivistas a entenderem que os resultados das pesquisas qualitativas não poderiam ter validade científica, sendo “simplesmente, um exercício especulativo sem valor para a ciência” (TRIVIÑOS, 2009, p. 116).

Contudo, Galeffi (2009) explica que a pesquisa qualitativa deve ter um rigor científico, mesmo que diferente do rigor positivista:

O rigor da pesquisa qualitativa diz respeito à qualidade de rigor do pesquisador e nada tem a ver com uma exteriorização metodológica de passos e regras de como conduzir uma investigação científica consistente. (...) É estupidez pensar que o rigor seja um procedimento exclusivo dos filósofos lógicos e dos cientistas matemáticos e geômetras. O rigor, a rigor, é um comportamento atitudinal de quem faz qualquer coisa com arte. O rigor é o *ethos* de toda produção artística. Por que a ciência teria que ser diferente em relação ao *ethos* artístico? (GALEFFI, 2009, p. 44).

De forma sintética, para entendermos o rigor nas pesquisas qualitativas em ciências sociais é necessário que algumas premissas sejam levadas em consideração (ADAPTADO DE MACEDO, 2009):

A pesquisa deve ter uma base alicerçada na prática social, que seja politicamente referenciada, porém em nenhum momento isto deve ser confundido com ativismo disfarçado de ciência;

O pesquisador deve interpretar as experiências apresentadas pelos sujeitos envolvidos, tendo o cuidado de não se colocar na posição de único detentor do saber, o que precisa ter como princípio o pensamento de Garfinkel que entende

que os “atores sociais não são idiotas culturais” (MACEDO, 2009, p. 95);

Os dados coletados devem privilegiar as amostras intencionais, pois oferecem a relevância necessária para se resolver às questões da pesquisa, justificada pelo pesquisador e pela comunidade estudada. Desta forma, ao analisar os dados, o pesquisador não pode perder de vista o contexto ao qual o objeto de estudo está inserido.

A estrutura rígida e etnocêntrica que permite generalização na pesquisa positivista é substituída por um tipo de generalização analítica, que possibilitam a realização de “*contrastes* entre os conhecimentos e seus procedimentos de produção, numa *intercrítica* que evite analogias, mas que aproximem diferenças” (MACEDO, 2009, p. 105 – 106).

Portanto, a pesquisa qualitativa não compartilha do mesmo conceito de rigor positivista que preza pela rigidez, exatidão e neutralismo. Ela tem uma forma própria, que apresenta novas perspectivas para “uma pesquisa *outra*, para uma ciência *outra*, para um rigor *outro*” (MACEDO, 2009, p. 79).

#### 4. A cultura do produtivismo nas pesquisas brasileiras

O sistema de pós graduação no Brasil pode ser considerado jovem em relação aos países da Europa e aos Estados Unidos. Em seu quase meio século de implantação houve um aumento vertiginoso na produção científica do país. Segundo Bianchetti e Machado (2009) o Brasil detém cerca de 2% das publicações mundiais e forma por ano em torno de 10 mil doutores e 40 mil mestres.

Entretanto, a situação há alguns anos atrás era muito diferente. Eram comuns professores universitários apenas com uma especialização ou até mesmo só

com a graduação lecionando nas universidades brasileiras. A escassez de mestres e doutores era proporcional ao número de pesquisas. Dos que se aventuravam em buscar uma titulação *stricto sensu* fora do país, poucos tinham produção científica além da própria dissertação ou tese.

Somente com a criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ambos em 1951, o país dá início a expansão da pesquisa e pós-graduação em seu território, agindo principalmente como órgãos de regulação e fomento, fazendo com que as universidades brasileiras, até então voltadas para o ensino, começassem a desenvolver estudos e formar seus próprios pesquisadores.

Segundo Hamburger (1980), o padrão brasileiro de produção científica abarcou o modelo de pós-graduação dos Estados Unidos, que visava através de um sistema rígido, a formação de mestres e doutores em larga escala, diferente do flexível padrão europeu de pesquisa.

Ainda segundo o autor, o fato do Brasil copiar a estrutura norte-americana de se fazer pesquisa gerou uma cultura de produção de conhecimento que valorizava as temáticas consideradas interessantes para os países desenvolvidos em detrimento de se investigar problemas tipicamente nacionais, ocasionando, entre outras coisas, a tradição da busca pela publicação em revistas internacionais como forma de aumentar o prestígio acadêmico.

De forma a avaliar o que era produzido no país, às agências reguladoras instituíram normas e metas que deveriam ser alcançadas pelos

programas de pós-graduação, afim de que os pesquisadores e consequentemente suas universidades recebessem verbas de custeio para seu funcionamento.

Um dos principais indicadores da Capes em relação às pesquisas diz respeito ao chamado “fator de impacto” de uma publicação. A análise consiste em averiguar em uma revista científica, quantas vezes, um dos seus artigos é citado por outras revistas e divide-se esse total de citações pelo número de artigos publicados naquele exemplar.

Entretanto, este modelo pode em alguns casos não coincidir com a realidade, pois sugere um tipo de avaliação homogênea para áreas com culturas de pesquisa totalmente diferentes. Além disto, este modelo valoriza as publicações internacionais, de forma que em vários momentos, uma pesquisa tipo estudo de caso ou etnográfica tem como mérito tratar de questões de uma realidade em específico e, portanto, é a esta comunidade que maior interessa o produto final da pesquisa.

Outra questão diz respeito à velocidade de disseminação do conhecimento. A internet ampliou as possibilidades de divulgação de uma pesquisa acadêmica, um texto ou uma idéia escrita em forma de ensaios. Desta forma, artigos facilmente encontrados em revistas digitais na internet podem ter um maior número de leitores e consequentemente podem ser mais discutidos. Entretanto estes geralmente têm um valor (qualis) inferior a uma publicação de uma tradicional revista impressa, de tiragem limitada e que muitas vezes acaba perdida em alguma prateleira de uma biblioteca universitária. Está idéia é corroborada por Silva (2009):

Como escritor é muito mais importante para eu saber que este texto foi lido e que contribuiu de

alguma forma com os leitores do que a classificação “Qualis” do mesmo. (...) É-me muito mais importante saber que o meu aluno leu o que escrevo do que a informação de que o veículo em que publico tem “Qualis” “x” ou “y” (pág 3).

Segundo Bianchetti e Machado (2009), com a forte dependência entre o fomento, a pesquisa e a avaliação dos programas de pós-graduação, geram o que podemos chamar de surto produtivista e surto competitivo, o que para Galeffi (2009) além de prejudicar o desenvolvimento das pesquisas voltadas para o estudo do homem de forma multireferencial, são suprimidas em detrimento dos estudos voltados a atender as exigências do sistema capitalista.

As políticas públicas de fomento e incentivo à produção do conhecimento científico privilegiam, de forma hierarquizante, as pesquisas que possam servir para o acréscimo da riqueza material do país, como se não houvesse riquezas espirituais para serem cultivadas e preservadas em sua dinâmica vivente e gerativa. Só o que dá lucro parece interessar ao sistema produtivo dominante. E pesquisa qualitativa é considerada “muito subjetiva” para o gosto inculto das sociedades capitalistas, e só por concessão e ostentação de riqueza ou autopromoção se concede reconhecimento a certos campos da atividade humana, considerados excêntricos, como é o caso das artes e da filosofia (GALEFFI, 2009, p. 39-40).

De acordo com Bianchetti e Machado (2009), no meio do processo de publicação das pesquisas surgem distorções da finalidade e sentido do ato de escrever e publicar. Este processo considerado pelos autores como “a mola



propulsora do avanço da ciência” e cujo principal objetivo outrora seria a exposição e disseminação das descobertas, apresenta um novo sentido, onde o preenchimento do currículo Lattes e o cumprimento de metas referendaram um maior valor no quesito “quantidade de publicações” em detrimento da qualidade. Desta forma “a cultura instalada sob a égide das regras mercadológicas incide sobre as práticas da comunidade científica, com visível recuo da capacidade de análise e aumento de artifícios para satisfazer as exigências de produtividade” (BIANCHETTI e MACHADO, 2009, p. 62).

Alguns autores descrevem as situações mais presentes no atual modelo de produtivismo da pesquisa (BIANCHETTI e MACHADO, 2009; SILVA, 2005; SGUISSARDI, 2006), tais como a questão das co-autorias, onde vários autores colocam o nome em uma pesquisa, onde são inscritos trabalhos em eventos e muitas vezes não se tem a preocupação em comparecer para apresentar ou debater seus achados e/ou muitas vezes não dá pra se distinguir o que é resultado de pesquisa do orientador, do aluno ou de uma efetiva co-autoria.

(...) um verdadeiro surto produtivista em que o que conta é publicar, não importa qual versão requeitada de um produto ou várias versões maquiadas de um produto novo. A quantidade instituiu-se em meta. Deste modo, formas legítimas de produção, como co-autorias e organizações de coletâneas – em inúmeros casos produtos de sólidas pesquisas integradas –, banalizaram-se no âmbito de algumas áreas de conhecimento, entre elas a Educação (KUENZER; MORAES, 2005, p. 1348 *apud* SGUISSARDI, 2006, p. 75-76).

Além disto, estudos longos de corte longitudinal que demorariam anos para serem concluídos ou que demandam um maior tempo de observação estão sendo substituídas por pesquisas curtas que dão mais produtividade. Desta forma perde-se a oportunidade de desenvolver conhecimento que traria efetivos benefícios a sociedade em detrimento das pesquisas rasas, que pouco contribuem para a discussão de um tema.

Macedo (2009) nos apresenta um quadro preocupante acerca das produções acadêmicas nos cursos de pós-graduação, onde o rigor científico é sumariamente deixado de lado em detrimento de uma mera produção em larga escala visando apenas o alimentar do ciclo vicioso da relação produção – fomento.

A idéia de que o rigor não pertence aos âmbitos das pesquisas qualitativas, somado a determinadas atitudes de programas de pós-graduação em *acelerar* as conclusões de suas dissertações e teses para fazer estatísticas avaliativas mais expressivas que agradem as expectativas quantitativistas das agências avaliativas, nos leva a um obscurantismo extremamente preocupante produzido pela *ética produtivista* da “formação” universitária. (MACEDO, 2009. p. 83).

Segundo Silva (2009) os professores que não conseguem atender as metas de produtividade estabelecidas sofrem críticas dos próprios colegas, sendo em muitos casos, desligados dos programas de Pós graduação ao qual estão vinculados.

Desta forma, o atual sistema referenda valores e modelos, criando um padrão de universidade e implicitamente de pós-graduação e pesquisa, de forma que

suas conseqüências nunca são totalmente expostas, para serem debatidas (FÁVERO, 1999).

### 5. E o rigor?: (In)conclusões e possibilidades de superação

No início da década de 80, Hamburger (1980), após analisar os primeiros anos de implantação da pós-graduação no Brasil já sugestionava mudanças na política de pesquisa do país, tendo como pontos principais: instigar um debate sobre os significados da pesquisa e pós-graduação para a sociedade, de forma que estimulasse a criação de linhas de pesquisa de maior interesse nacional, além de incentivar a publicação das pesquisas em revistas brasileiras em detrimento das revistas internacionais e por fim, colocar o estudante como sujeito ativo nas decisões a respeito do planejamento e execução dos programas de pesquisa e pós-graduação.

Concordando com Gatti (2003) consideramos de extrema importância que existam instrumentos de regulação a fim de viabilizar a análise da produção técnica, acadêmica e científica e posterior divulgação das pesquisas feitas no país. Entretanto estes instrumentos precisam ser amplamente discutidos pelas diferentes áreas, abarcando suas especificidades no sentido de garantir a qualidade: E o autor ainda completa:

(...) se a publicação em periódicos internacionais não tem, na área de educação, o mesmo significado que tem para outras áreas, quais veículos vamos priorizar: se livros ou capítulos de livros (valerá o conhecimento e prestígio das editoras?); se ensaios e artigos publicados em periódicos com corpo editorial de ampla composição, com colaboração de articulistas de todo o país e mesmo internacionais, periodicidade regular, circulação nacional, peso

significativo na divulgação dos resultados de pesquisa (GATTI et al, 2003, p. 142).

Desta forma, manter o rigor, descrito por Macedo (2009), é um enorme desafio para os pesquisadores que trabalham com pesquisa qualitativa nas ciências sociais, nos moldes das atuais exigências para produção acadêmica, sem perder de vista a importância social do conhecimento produzido.

Entretanto se este rigor não for respeitado, corre-se o risco de se deturpar a real função da ciência ao se utilizar um falso rigor nas pesquisas que pouco ou nada ajudam a resolver os problemas das sociedades contemporâneas, caindo na triste realidade descrita por Galeffi (2009):

É preciso lembrar, então, como estamos contaminados de um falso rigor que mal sabe avaliar os efeitos nefastos de sua atuação acadêmica e social, quando simplesmente aceitamos as regras do jogo da produção científica qualificada imposta pelos órgãos governamentais responsáveis, sem a mínima resistência crítica, sem a mínima clareza relativa ao sentido de rigor que não pode depender de tecnocratas e de políticas comprometidas com a desqualificação generalizada da potência humana diversificada e singular (GALEFFI, 2009, p. 44).

### Referências

BIANCHETTI, Lucidio; MACHADO, Ana Maria Netto. **Publicar & morrer!?:** Análise do impacto das políticas de pesquisa e pós-graduação na constituição do tempo de trabalho dos investigadores. Educação, sociedades e culturas, nº 28, 2009, 53 a 69

FÁVERO, Osmar. **Reavaliando as avaliações da CAPES.** In A avaliação da pós-graduação em debate. Rio de Janeiro: ANPED. 1999

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álvaro. **Um rigor outro:** sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador – BA: Edufba. 2009

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli; FÁVERO, Osmar; CANDAU, Vera Maria F. **O modelo de avaliação da CAPES.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n. 22, pp. 137-144.

HAMBURGER, Ernest. Para quê pós-graduação? In: ANDRADE, Manoel de et al. **Encontros com a Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Encontros com a Civilização Brasileira,19). p. 81-93.

KUENZER, Acácia Zeneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Temas e tramas na pós-graduação em educação.** *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, set./dez. 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álvaro. **Um rigor outro:** sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador – BA: Edufba. 2009

MOURA, José Adersino Alves de. **O método positivista nas ciências sociais:** o viés na

história da educação. Anais do III Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2004. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT29.PDF>

PRIMON, Ana Lucia de Mônaco et al. **História da ciência:** da idade média à atualidade. Psicólogo in Formação, ano 4, nº 4, jan/dez. 2000

SGUISSARDI, Valdemar. **A avaliação defensiva no "modelo CAPES de avaliação".** Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 49-88, jan/jun. 2006 Disponível em <http://www.perspectiva.ufsc.br>

SILVA, Antonio Ozaí da. **A corrida pelo Lattes.** Revista Espaço Acadêmico. n. 46. Março de 2005. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/046/46pol.htm>.

\_\_\_\_\_, Antonio Ozaí da. **Produtivismo no campo acadêmico:** o engodo dos números. Revista Espaço Acadêmico. n. 100. Setembro de 2009. Disponível em [http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Es\\_pacoAcademico/article/view/8148/4571](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Es_pacoAcademico/article/view/8148/4571)

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1ª Ed. 18ª Reimpressão – São Paulo: Atlas, 2009.